ANO 12.º — Sabado, 5 de Julho de 1919 — Numero 580

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—=(•)=—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. Nacional R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A PAZ

—=(•)=—

Com o mais sevéro cerimonial e magestosa imponencia em absoluta identificação com a grandêsa do acto que se realisava, foi assinada a paz em Versailles.

Após tantos e interminaveis dias de horror e de morte, de fogo e de desespero, soou, enfim, a bemdita hora que traz ao mundo a tranquilidade e a harmonia, a ordem e o trabalho ha tanto dura e brutalmente perturbadas pelas ambições duma raça que pensou dominar, esmagando a humanidade sob os tacões dos seus milhares de soldados.

Todos os preparativos para tal, longa e vagarosamente acumulados; o formidavel agrupamento de homens reunidos em volta de todas as armas aperfeiçoadas e numerosissimas; as invenções selvaticas e inquisitoriaes que os quimicos facultaram; o desrespeito e a violencia pelas disposições dos tratados que estabeleceram, tudo isso foi zero, deante da grande força moral do Direito e da Justiça, que as outras nações ergueram em seus pendões contra a gigantesca Germania!

Caíu o colosso! Submergiu-se na sua propria obra, asfixiado na torrente de sangue que nos campos de batalha fez derramar.

Tambem lá correu sangue português que alagou o sólo da França, onde a féra poude chegar e onde foi preciso vedar-lhe a passagem.

Lembranças pungentes, recordações amargas que a hora presente atenuará um tanto. Desta hora ansiada por o mundo inteiro, estâmos certos que advirão outras longas, muito longas mesmo, para socêgo e paz dos homens.

Concorrâmos todos para que do formidavel solavanco, deste extraordinario estremeção, que nos atingiu violentamente, sobrevenha o equilibrio, o trabalho, o socêgo de que precisâmos.

Recordemo-nos que sem ordem não ha harmonia, não ha labor. A ordem é além dum facto social, um facto natural e sendo por isso uma condição exigida á humanidade, ela é tambem a mais indispensavel condição da propria naturêsa.

E como para vencer o poderoso inimigo necessario foi, além da força material a força moral dos povos, empreguemos o supremo esforço para que esse factor se não extinga entre a familia portuguêsa e dele alguma cousa resulte de proficuo, de positivo, de aproveitavel para esta Patria e para as instituições que a regem.

Que essa bemdita hora de Paz se estenda e espalhe por o mundo inteiro, significando mais do que o esmagamento do militarismo e a ambição alemã, como é mister e imperioso que aconteça.

Acima de tudo sômos homens, não nos tratemos como féras.

E ávante para gloria dos povos e da civilisação.

OUTRO

—=(•)=—

Na ultima reunião do grupo parlamentar democratico, o sr. dr. Alvaro de Castro, apresentou uma carta do snr. Leote do Rego, em que declara desligar-se do partido republicano português por discordar com a formação de um governo partidario.

O assunto não mereceu a mais leve discussão aos antigos correligionarios do *valoroso oficial de marinha e insigne patriota.*

Films...

Grans...

Desde que foram restabelecidas as mercês em Portugal que o *Diario do Govêrno* não faz outra coisa senão publicar decretos sucessivos, distribuindo com tanta facilidade os graus das diferentes Ordens, que daqui a mais já não ha cão nem gato que, a proposito de tudo e de nada, não tenha sido agraciado.

E' um geral. Pois se até o *Bichêsa* e o parente Barbosa de Magalhães esperam ser *grans* dentro em bréve!...

O *gran Bichêsa!*
O *gran Pilécas!*

Uma voz

Ha dias, em plena sessão do Senado, houve uma voz que se ergueu acima de todas as outras e que, depois de várias considerações sobre a situação em que se encontra o país, atacou as causas do nosso desiquilibrio financeiro, declarando que a bancarrota será uma realidade inevitavel se uma inteligencia energica e moralisadora não puzer côbro a tamanho esbanjamento.

Com efeito, caminhâmos mais para isso do que para a felicidade. Mas que querem se os comedores, os que desalmadamente devoram á mesa do orçamento acham que Portugal navega num mar... de ouro capaz de lhes satisfazer todas as exigencias?

Profecía

De Londres, tambem conhecida pela terra dos gaiteiros, telegrafam á imprensa diaria:

Causou grande impressão entre os fieis, na igreja de Heve, a profecia feita pelo rev. H. Webb Peploe, dando como certo o fim do mundo este ano. Disse que era preciso não se alarmarem, mas estarem preparados. Póde estar muito proximo o grande acontecimento; em todo o caso chegará ao seu *terminus* este ano, a Historia do Mundo. O rev. Peploe é prebendario da catedral de S. Paulo de Londres e um alto vulto eclesiastico.

Pela nossa parte não estâmos só preparados: estâmos preparadissimos. O ponto é que o padre nos não sáia intrujão e pantomineiro como a maioria dos seus colegas...

O Papa e as modas

Os correspondentes de Roma mandaram aos jornaes de que são representantes, a noticia sensacional de que está iminente um decreto pontificio, dirigido ás mulheres catolicas, no qual se protesta contra a escandalosa moda actual e bem assim que a Associação dos Alfaiates reuniu para se pronunciar contra a acção do Papa, não lhe reconhecendo o direito de meter o nariz nas *toilettes* das senhoras.

Efectivamente é forte que o Sumo Pontifice, sem consideração alguma pela vontade das madamas, se queira intrometer tambem naquilo que elas usam...

Olha a grande coisa andar de seios á mostra e saias quasi pelo joelho...

Verdade seja que hoje em dia nem nos santos ha que fiar...

Situação politica

—=—

Os democraticos de novo no poleiro

Ora com efeito: cêdo se chegou onde nos persuadimos que só tarde fosse possivel voltar.

Está formado um govêrno retintamente democratico!

Sabendo-se, como se sabe, que é á este partido que o país deve e a Republica uma consideravel soma de actos desprestigiosos e comprometedores; sabendo-se o divorcio que existe entre a opinião publica e o mesmo grupo pelas atitudes que tem assumido; sabendo-se que não póde haver socêgo em Portugal enquanto das mãos de determinadas personagens não fôr arrancado o Poder, é curioso que se persista na constituição de ministerios dessa naturêsa e que, antes, se não conciliem os homens de fórma a congrega-los para uma acção comum em volta da bandeira sagrada da Patria e como exemplo de sacrificio, de abnegação, de desinteresse, de patriotismo.

Sim. Isso é que seria o ideial, é que desejariamos, e comnosco a maioria dos portuguêses, que acontecesse. Não querem? Tanto peior para os destinos da Republica que cada vez se afunda mais no lodaçal da ignominia a que a teem conduzido as dissensões entre os seus partidarios.

E se isto é certo ou não, o futuro o dirá.

* * *

Eis os nomes dos novos ministros:

Presidencia e Interior—*Coronel Sá Cardoso.*

Justiça—*Dr. Lopes Cardoso.*

Guerra—*Major Helder Ribeiro.*

Marinha—*Capitão tenente Silverio da Rocha e Cunha.*

Estrangeiros—*Melo Barreto.*

Comercio e interino dos Abastecimentos—*Engenheiro Ernesto Navarro.*

Colonias—*Capitão de fragata Ernesto Rodrigues Gaspar.*

Instrução — *Dr. Joaquim de Oliveira.*

Agricultura—*Engenheiro agronomo Lima Alves.*

O snr. Rocha e Cunha, ministro da marinha, é natural de Oliveira de Azemeis, concelho pertencente ao distrito de Aveiro, e estava exercendo com a competencia que várias vezes, nas colunas deste jornal, tem sido posta em destaque, as funções de capitão do porto, logar espinhoso, mas que ele desempenha sem atritos, conseguindo grangear simpatias. Como republicano, teve um papel importante na defêsa da cidade, onde cooperou com o coronel Péres, e se algum defeito lhe conhecemos é tão sómente o de ser democratico num meio em que, com esse rotulo, abunda tanto bandalhête, acamaradando com eles.

O novo governo fez a sua apresentação, na segunda-feira, ao Parlamento, prometendo, num extenso documento lido pelo respectivo presidente, ocupar-se apenas de politica nacional, com o fim de tirar para a Patria portuguêsa o maior numero de vantagens que possivel fôr.

Aguardaremos os seus actos, porque só á face deles nos é licito aprecia-los com justiça.

Os ferro-viarios

Desde terça-feira que se acham paralisados, de novo, os comboios, devido á gréve da classe ferroviaria declarada em virtude dos governos persistirem em não dar uma solução condigna ás reclamações que lhe são apresentadas.

Segundo um manifesto que temos presente dos grévistas, estes queixam-se, sobre tudo, do snr. Brito Guimarães, a quem acusam de não ter resolvido a questão enquanto ministro dos Abastecimentos, apezar de para isso lhe terem concedido um longo praso, mais que suficiente para a liquidação do assunto.

E não se passa disto. Gréves e mais gréves, revoluções e mais revoluções e a respeito desta gente chegar a acôrdo, estâmos a vêr que tarde ou nunca isso sucederá.

Pois é pena.

Béla obra

—=(•)=—

Duma carta aberta, que lamentâmos não poder publicar na integra, endereçada pelo snr. dr. Angelo da Fonseca, lente da Faculdade de Medicina de Coimbra, ao ilustre presidente da Republica, recortâmos os seguintes periodos para que o leitor avalie da consciencia, da moralidade e da obra dum... ministro da Instrucção, que dá pelo nome de Leonardo Coimbra:

....

De facto, nada mais imoral que o que, presentemente, se está passando na Universidade de Coimbra. No actual ano lectivo teem sido concedidos perdões de acto por duas fórmas diferentes:

a) Por simples despachos ministeriaes, não publicados no *Diario do Governo;*

b) E por decretos dictatoriaes.

Pertencem á primeira categoria os per ões de acto concedidos pelos despachos do Ministerio de Instrucção Publica de 10 de março, 14 de maio e 5 de junho.

O primeiro dispensou da prova oral os alunos da Faculdade de Direito de Coimbra que, tendo requerido exame na época de outubro, haviam prestado as respectivas provas escritas.

O segundo dispensou das provas escritas e oraes os alunos da mesma Faculdade que, tendo requerido o exame em outubro, não chegaram a prestar provas.

O terceiro ampliou a concessão da dispensa aos alunos que por motivos de doença nem sequer chegaram a requerer exame em outubro!

Alguns alunos reprovados na época de outubro, em vista das dispensas referidas, requereram a anulação da reprovação; o pedido foi atendido por despachos lançados nos proprios requerimentos!

Todo este pagode nos faria rir, se não envolvesse a maior afronta a tudo que seja respeito á lei e á propria pessoa de quem autorisa e sanciona actos de tão profunda imoralidade, como comprometedores para o regimen.

O resultado

Quando o director deste jornal fez parte da Junta Geral do districto, muitas foram as vezes em que, pugnando por uma rigorosa administração economica, chamou a atenção dos seus colegas para o futuro do Asilo-Escola, cujas despêsas iam gradualmente subindo sem que as receitas aumentassem, a menos que se ampliasse de novo o imposto ao contribuinte, para o que se apressou tambem a declarar, não daria o seu voto. Essa sua atitude e ainda o facto de, sob esse ponto de vista, se conservar intransigente, valeu-lhe o ter de sustentar não pequenas discussões, que, apezar de o contrariarem, jámais foram motivo para deixar de cumprir o que reputava ser um dever de republicano, pondo o seu esforço e a sua dedicação ao serviço dos que lhe haviam confiado tão honroso mandato.

Pois apezar de tudo, querem saber o que está sucedendo? A *Comissão Administrativa da Junta*, tendo naturalmente esgotado todos os recursos e os meios ao seu alcance para prover aos encargos do citado estabelecimento de caridade, acaba de lançar um apêlo ás almas bem fazejas no sentido de obter donativos com que possa vestir as creanças, tal o estado de miseria a que chegou o cofre da Junta!

Comentarios? Considerações? Mas para quê se o facto em si fala mais alto do que tudo que podesemos dizer ou escrever a respeito dele?

E lembrarmo-nos do que tivemos de aguentar só porque, prevendo o cataclismo, fizemos os possiveis para o evitar!

Será mais digno, mais honroso, mais bonito estender a mão á caridade?

O ultimo acto

—(•)—

COMO FOI ASSINADA A PAZ EM VERSAILLES

Telegramas de Versailles pormenorisam do seguinte modo a cerimonia que, no sabado preterito, se realisou naquela cidade francêsa, para assinatura do tratado de paz entre a Alemanha e as nações aliadas:

Eram 14 horas e 15 minutos quando, entre entusiasticos aplausos, o sr. Clemenceau desceu da sua carruagem, trajando sobrecasaca e chapeu alto. Acompanhava-o o general Mordack. Chegaram em seguida os generaes De Castelneau e Maunnoury, depois a delegação da Liberia, o almirante Ronarch, o presidente do Senado, os representantes da camara municipal de Paris, os snrs. Venizellos, Millerand, Delcassé, Patchich, Paderewski e sua esposa, a delegação de Hedjaz, o sr. Bratiano com o general Coanda.

A's 15 menos um quarto chegaram Lloyd George que foi aclamadissimo, o presidente Wilson, com sua esposa e filho, e o almirante Grayson; Sonnino e a delegação italiana.

A multidão, impaciente, precipitou-se para a escadaria da Rainha, perguntando onde estavam Foch e Persking, que parece terem entrado por outra porta.

A's 15 em ponto fechou-se a porta da escadaria da Rainha e deu-se começo á solenidade, durante a qual numerosos aviões voaram sobre o palacio. Antes de começar a cerimonia da assinatura do Tratado, o aspecto da sala era imponente.

Rodeiam Clemenceau numerosos soldados, que formam a guarda de honra. Todos eles são mutilados, a quem o presidente dirige palavras cheias de comoção e de reconhecimento.

— Foram vocês, meus amigos, quem ganhou a guerra. Jámais o esqueceremos.

Depois, apertando-lhes a mão, perguntou-lhes em que condições haviam sido feridos e proseguiu, mostrando-lhes o Tratado:

— A vossa recompensa está aqui.

Os marechaes Roch, Petain e Joffre estavam em pé diante do presidente e os delegados de todos os países desfilaram na sua presença, saudando-os.

A' hora marcada, o director do protocolo, sr. William Martin, acompanhado pelo snr. De Fouquières, preveniu o sr. Clemenceau da chegada dos delegados alemães á sala. Fez-se um silencio profundo e os referidos delegados, precedidos de dois maceiros do ministerio dos negocios estrangeiros, entraram, um após outro, dirigindo-se para o lado esquerdo do presidente da Conferencia. Então, o snr. Clemenceau ergueu-se e disse:

-- Está aberta a sessão. Entre as potencias aliadas e a Alemanha acaba de concluir-se um acordo. Espero que este Tratado seja executado leal e fielmente.

Em seguida, pediu aos delegados alemães que, vestidos de negro, estavam palidos e nervosos, que assinassem o Tratado, o que eles fizeram.

Seguiram-se na assinatura o presidente Wilson, que estava sorridente, e a delegação americana; Lloyd George, Balfour e os delegados inglezes e dos dominios; depois Clemenceau e os delegados francezes, cuja satisfação era patente; os italianos, os japonezes e os outros delegados. Concluida a assinatura, que se fez no meio duma gravidade impressionante, Clemenceau tornou a erguer-se e disse:

— Senhores: está concluida a paz e levantada a sessão. Peço-lhes que se conservem nos seus logares para que os delegados alemães sáiam imediatamente.

Estes abandonaram a sala, seguindo-se-lhes os aliados.

Logo que as salvas de artilharia anunciaram a assinatura da Paz, foram abertos os grandes jogos de agua.

As musicas militares tocaram a *Marselhesa* e a multidão reclamou a presença de Clemenceau, que apareceu acompanhado de Wilson e Lloyd George.

A multidão rompeu as barreiras e rodeou os tres homens de Estado, aclamando-os delirantemente e acompanhando-os até ao lago de Neptuno.

Um pelotão de infanteria enquadrou os tres presidentes, que só assim puderam alcançar as suas carruagens, entre os aplausos entusiasticos do povo, que envolvera tambem os soldados mutilados que assistiram á assinatura do tratado da Paz.

Na sala viam-se tambem delegações de soldados, sendo 15 por cada exercito aliado. Os 15 portuguêses formavam em frente da mesa de Clemenceau, que lhes dirigiu palavras de calorosa saudação.

Os delegados alemães retiraram de Versailles, por diversos caminhos, ás 20 horas e 30 minutos, a fim de evitar manifestações, seguindo em 15 automoveis para a *gare* de Noisyle-Roi, onde tomaram o comboio para o seu país.

Préviamente, o *maire* de Versailles havia feito afixar esta proclamação:

. O grande dia de Versailles chegou. A paz vitoriosa será assinada na Galería dos Espelhos. O governo deseja que a cerimonia conserve o caracter de respeito que devem ter as recordações dos días de incertêsa e amargura suportados pela Patria.

Os habitantes devem conservar a calma e a dignidade que convém a este grande acontecimento.

A' cidade de Versailles não deve ser imputada a responsabilidade de incidentes como os de 16 do corrente. O dia da assinatura passa, como deve passar uma grande data da historia do mundo.

Escusado será dizer que toda a França rejubila desde a hora em que se ultimaram os trabalhos na *Galeria dos Espelhos*, sendo devéras pitoresco o aspecto dos jornaes que se diferenciam muito da fórma do costume, pois não trazem senão retratos e fotografias com grandes titulos, cujas frases escolhidas chamam a atenção, tornando diminutas as suas edições.

Enfim: respira-se e oxalá que se tenha arredado para bem longe a hipotese de outra conflagração egual áquela que acaba de ter o seu epilogo e ficou memoravel na historia do mundo inteiro.

SAUDAÇÕES

A Inglaterra e a Espanha á nação portuguêsa

LONDRES, 28.

Ao Presidente da Republica Portuguêsa

Lisboa

Não posso deixar passar este dia de regosijo universal sem vos pedir, snr. Presidente, que aceiteis as minhas mais cordeaes congratulações. A antiga aliança dos nossos dois países suportou vitoriosamente a prova do formidavel conflito que serviu apenas para fortificar a amisade que tem unido os povos de Portugal e do Imperio Britanico durante muitos seculos. Confio que, recordando os seus comuns sofrimentos e o seu comum triunfo, os nossos povos permanecerão estreitamente unidos na prosecução da paz, como se mantiveram lado a lado nas vicissitudes da guerra.

(a) *George R. I.*

Resposta do almirante sr. Canto e Castro

LISBOA, 28.

A Sua Magestade o Rei Jorge V.

Londres.

Agradecendo as palavras amaveis que Vossa Magestade me dirige no dia soléne em que se firma a Paz, depois de uma longa e terrivel guerra em que os nossos dois países, unidos por uma secular aliança, a mais duradoura aliança de que fala a Historia, juntos combateram, juntos sofreram e juntos venceram, contribuindo para o triunfo duma nobre causa, felicito Vossa Magestade e o Povo Britanico, que um tão grande exemplo deu ao Mundo. A Aliança que tem firmemente resistido a todas as vicissitudes, cimentada nas batalhas recentes, creio firmemente que se tornará, na obra da Paz, mais intima ainda, numa colaboração estreita para a felicidade dos dois países e para o futuro da civilisação, para a qual tanto temos contribuido.

(a) *Canto e Castro*
Presidente da Republica Portuguêsa

Do chefe do governo hespanhol

MADRID, 28.

Ao sr. presidente do conselho de ministros de Portugal

Ao inteirar-me da assinatura da paz com a Alemanha, apresso-me a exprimir á nação lusitana, na pessoa de v. ex.ª e em nome da Espanha e do seu governo, as mais cordeaes felicitações e os votos que faço para que os beneficios da paz alcançada com tanto sacrificio redundem em prosperidade para o nobre povo lusitano, cuja intimidade de relações com a Espanha é o meu vivo anceio e de todos os meus compatriotas.

(a) *Antonio Maura*

Pouca vergonha

Pois então não querem lá vêr com que ha ultima hora se sáe o orgão do P. R. P. em Aveiro? Ora tenham a bondade de atentamente lêrem:

Continúa a pouca vergonha das acumulações de empregos publicos.

A Republica, neste ponto, com mágua o confessamos, nada fica devendo á extinta monarquia.

Ha creaturas que ao mesmo tempo são tudo, e que na mesma época exercem dois, quatro, cinco e seis rendosos empregos do Estado, recheando dia a dia abundantemente os seus ricos e elegantes mealheiros.

Outros ha, porêm, que, ou nenhum logar teem, ou quando muito, por favor, é-lhes dado um lugarsito mediocre, com cujo ordenado estão aptos a estoirar de fome.

Muitas vezes, na maioria dos casos até, os primeiros são uns cataventos; individuos sem principios e ideais politicos, indistintamente servindo este ou aquele, voltando-se com a maior facilidade e agilmente para a esquerda ou para a direita, conforme a feição.

E quantos dos segundos, nestes ingratos tempos que vão correndo, sempre fieis ao credo politico que os norteia e guia, com um acrisolado amor á Republica até ao sacrificio, são postos ao largo e preteridos pelos primeiros aduladores e fura-vidas?

Não deve consentir-se que certos furta-côres, que só aparecem depois da mesa estar posta, sejam chamados e venham preterir em empregos da Republica individuos de competencia igual e muitas vezes superior á sua, e cujo republicanismo desinteressado, franco e leal não admite com o deles a mais simples e ligeira comparação.

Que pouca vergonha e que falta de moralidade!

Que vos parece estes pruridos de moralidade que agora chegam ao orgão do P. R. P. em Aveiro? *Pouca vergonha*—clama ele contra as acumulações de empregos publicos. E contudo foi o mesmo orgão que inventou as *flutuações*, designação da sua autoría, para, com ela, defender, principalmente, um correligionario local atacado de fóme canina; o mesmo orgão inspirado pelas comissões politicas, de que é propriedade; o autentico, o verdadeiro, o genuino orgão do mais forte partido da Republica, logo abaixo do *Camaleão*, que, como se sabe, *representa no distrito de Aveiro, de facto, a opinião do Partido Republicano Português!*

Pouca vergonha, pouca vergonha, sim. Mas *pouca vergonha* porque nenhum dos da grei *flutua* agora como os outros e os acompanha nos *patrioticos* trabalhos mandibulares em que andam empenhados para *honra* e *defêsa* do regimen. Acontecesse isso e vêr-se-ia como a *pouca vergonha* se transformava na coisa mais natural do mundo. São de ontem os factos. Por isso não ha que duvidar, nem que discutir, nem que ter a menor exitação—os homens falam porque, na distribuição do bôlo, não abicharam nada desta vez.

A eterna questão do sapateiro de Braga...

Resposta do presidente do governo português

LISBOA, 28.

Ao sr. presidente do conselho de ministros de Espanha

Agradeço, reconhecido, o telegrama que v. ex.ª teve a amabilidade de enviar-me com as saudações do governo e do povo espanhol e os vótos que faz pelas prosperidades da minha Patria, por ocasião da assinatura do tratado da paz. Muito me penhoram as palavras amistosas ácêrca das relações entre os dois povos visinhos e amigos, que teem todo o interesse na mesma colaboração estreita para a obra de prosperidade a realisar, colaboração desejada pelo governo e pelo povo português e para a qual empregarei os melhores esforços.

(a) *Sá Cardoso*

Governador civil

Apenas se constituiu o novo ministerio, apresentou á sua demissão do cargo de governador civil, o sr. dr. Sampaio Maia, cuja passagem pela chefia deste distrito apenas fica assinalada por mesquinhos actos de politiquice.

Não se sabe ainda quem o substituirá.

Notas mundanas

Entrou em franca convalescença o nosso presado amigo e distinto colaborador, Humberto Beça.

=== *Já se encontra nesta cidade, vindo de França, o capitão da administração militar, snr. Carlos Gomes Teixeira.*

=== *Tambem da mesma proveniencia veio, ha dias, o snr. José Cabecinha.*

=== *Acaba de ser pedida em casamento para o tenente de infanteria 24, sr. Armando Larcher, a snr.ª D. Isabel do Céu Almeida, interessante filha do sr. Julio Martins de Almeida, professor da Escola Normal.*

=== *Do Funchal, onde esteve detido por motivos politicos, regressou a esta cidade o ex coronel João de Almeida, a quem um inquerito ao seu procedimento ante os ultimos acontecimentos monarquicos ilibou de responsabilidades.*

Gloria... aos puritanos

—=(*)=—

Duma longa carta que recebemos a proposito da sensação causada pela leitura das declarações que aqui estampámos no numero passado, feitas por o *ilustre republicano democratico* Firmino de Vilhena, quando do seu interrogatorio após o movimento revolucionario de 12 de Outubro, transcrevemos o seguinte curiosissimo periodo, que é, na verdade, profundamente edificante:

....

Mas, não estranhe v. a atitude, as palavras e tudo o mais que se seguiu com o Firmino de Vilhena.

Fique sabendo que, após as primeiras prisões, houve outro *intransigente democratico* que se apressou a escrever a um advogado desta cidade, reconhecidamente monarquico, e que por esse motivo sofreu as agruras do carcere, pedindo-lhe por tudo que evitasse a sua prisão, porque não se metia nem aprovava qualquer revolução, e ainda porque se tal facto se désse, muito transtorno causaria aos trabalhos na fabrica onde superintende.

Esta carta, após a sua leitura, causou tanto nojo ao destinatario, que v. não faz ideia. O homem andava positivamente aterrado. E tanto que não se tirava da porta do referido bacharel, transmitindo-lhe a toda a hora falsas e alarmantes noticias sobre intenções de vários individuos a seu respeito, fórma adoptada para demonstrar o seu agradècimento pela protecção que se julgava disfrutando.

....

Agradecendo ao informador os seus interessantes subsidios, devemos dizer, no entanto, que já conheciamos mais essa prova de elevação de principios e amor ao Ideal.

E andam por aí este e outros *sincéros* republicanos, *até ao sacrificio*, como eles apregoam, a pedir a cabeça de muitos que só se curvaram á ameaça de morte!

Ainda ha bem pouco um determinado funcionario publico foi demitido, porque satisfez serviço obrigado a desempenha-lo á ponta de baionetas!

Confrontem, confrontem tudo isto e glorifiquem os... *puritanos*, desta força e destas... *convicções*.

S. Pedro

—=(*)=—

O veneravel chaveiro do Paraiso bateu-se este ano como um catita, deixando a perder de vista os seus velhos competidores—Santo Antonio e S. João.

Ele foi festa na praça do peixe, na fonte dos Amores, na rua do Gravito, fogueiras aos centos, descantes e valsas aos milhares, *one and tivo steps* dançados com todo o rigor e quem tivesse boa vista, observaria nitidamente a olho nú, a figura simbolica e insinuante do bom velhote que, talvez, aí a 500 metros, se sorria, prasenteiro, na presença da buliçosa e lirica homenagem prestada cá pela rapaziada á sua biblica pessoa!

Para mais, houve suplementos aos festejos, *tornando a tornar* na segunda-feira, 30, novo e rijo arraial, á rua do Gravito, onde os pares se esqueceram nos braços uns dos outros e os musicos deixaram, com sono, caír as gaitas das unhas.

Eram 3 horas da madrugada. E o S. Pedro lá estava a rir-se, maliciosa e surrateiramente!

Um grande pandego!...

NA MURTOSA

—=(*)=—

Implantação da republica... barbosacea

Para assistir á *festa patriotica*, que outra cousa não foi a inauguração oficial do Centro Republicano Barbosa de Magalhães, na Murtosa, tinhamos convidado um dos nossos companheiros de trabalho, na esperança de podermos fornecer aos leitores do *Democrata* uma reportagem completa e minuciosa da *grande solenidade*, cujo aparato e brilho foram muito alem da . Taprobana e mesmo de quanto o país, que estava com os olhos postos na terra do *Bébes*, poderia prever de mais lisongeiro e... ó quizumba!

Uma avaria no *auto* desfaz, porêm, todos os nossos projectos e assim temos de limitar a nossa informação ás notas duma testemunha presencial que particularmente no-las forneceu.

Dizem elas:

Desde o alvorecer que paralisou o trabalho maritimo, aquatico, aereo e terrestre. Toda a população está a postos esperando a chegada da comitiva e do patrono do novo *clubio*, cujo este, segundo informações já transmitidas, cortou o cabelo e pespontou as barbas, parecendo novo em folha. Mais de cem mil pessoas de todas as categorias e tamanhos, se espalham por toda a parte. Não ha um monarquico, e assim póde-se afirmar que *morreu a lenda das afinidades realistas* e para isso muito concorreram as velhas tradições republicanas do *patrono* e companhia.

Chegam os homens. Não lhe posso descrever o que foi esse... *memento, homo, quia pulvis es et in pulveris te reverteris.* Coisa singular que muito surpreendeu a população: penetraram na freguesia pela estrada da mesma, havendo um entusiasmo de tal ordem que a compacta multidão ficou como petrificada e muda. Foi uma coisa unica!

Depois, com surprêsa geral, percorreram as ruas que conduzem ao novo centro, e ali, aquilo é que foi. Como se désse o fenomeno de começar a chover... flôres, todos se atropelavam, tentando evitar molhar-se. Pouco depois o tempo limpou. O salão, é invadido por numerosas pessoas, mas cá fóra a maior parte comprime-se.

Mais de 99:800 ali estão em volta do seu *patrono*, entre as quaes se diz baixinho que se o dito voltar a ser ministro de instrução, creará uma Faculdade de... Trêtas, para abrir os olhos aos... inexperientes.

Principiam os discursos. Ha afirmações de republicanismo que cáem *como orvalho benéfico no auditorio.* Ha palavras que parecem fulminar a assistencia. E' lida uma carta do imortal José Maria, cujo conteudo choca profundamente todos os corações. Ha soluços. Nesta altura fala o *patrono*. O' bôca, que vaes dizer! A's primeiras palavras todo o olho com lagrimas—*como num dia de sol a chover*. Resumindo: o *patrono*... empolga...

Acabada esta primeira parte, passa-se á segunda, que tem logar em volta duma meza onde é servido um *faustoso* copo d'agua. Após as primeiras investidas, ha novas manifestações verborraicas. Falam de novo *todos os republicanos*, incluindo o *patrono*, que nesta altura foi verdadeiramente sublime. Pela imprensa, com um brilho todo dele, fala o Firmino de Vilhena, que por sua vez *empolgou*, a assistencia, cançada já de tanta empolgadela.

Estavam representados os importantes jornaes—*Razão, Camaleão, Jornal de Estarreja, Razão, Jornal de Estarreja, Camaleão, Jornal de Estarreja, Razão, Jornal de Estarreja, Camaleão, Jornal de Estarreja, Camaleão, Razão*, etc., etc. Varios centros, representando os quatro pontos cardeaes, tendo-se, depois da retirada de todos os patronos, ocupado a multidão a apanhar pedaços das *velhas algemas da escravidão que prendiam uma parte dos seus élos mais resistentes.*

Agora é a luz do sol benéfico que ilumina os seus dias de Ventura. Mas quem é o sol?—pergunta alguem. Pois quem hade ser senão ele, o *patrono*, o *ilustre homem publico*—o nosso dr. José Maria Barbosa de Magalhães!

Não ha indicios de monarquicos. O povo retoma o trabalho. O socego é completo.

Viva a republica... barbosacea!...

Incendio

Cêrca da meia noite de terça para quarta feira passada, manifestou-se um violento incendio no edificio onde estava instalada a *Cooperativa dos pobres*, á Rua de Camões, na proxima vila de Ilhavo, propriedade do sr. Alberto de Oliveira, que tinha seguro na Companhia *Sagres* em 9:100 esc, havendo prejuizo total.

As chamas devoraram tambem parte da casa de residencia da sr.ª D. Felicidade da Silva Guerra, damnificando bastante a do capitão de marinha mercante, sr. Bernardo Ferreira de Oliveira, e cujas mobilias sofreram avultados prejuizos.

Ignora-se a verdadeira causa do sinistro.

Acudiram os bombeiros da vila, assim como a bomba da Fabrica da Vista Alegre e respectivo pessoal, prestando, tanto uns como outros valiosos serviços, dignos dos maiores louvores.

Foi tambem para aqui solicitado o auxilio das companhias de bombeiros desta cidade, mas não chegou a ser utilisado.

Não ha, felizmente, qualquer desastre a registar.

NECROLOGÍA

No verdor dos anos, pois que apenas contava 16 risonhas primaveras, sucumbiu ás primeiras horas de terça-feira, numa modesta casinha da Costa do Valado, para onde havia sido transportada na esperança de que os ares puros daquele logar lhe fortificassem o organismo depauperado, a menina Maria Emeletina Pereira Zagalo, graciosa e dilecta filha do meretissimo juiz de direito desta comarca, snr. dr. José Baptista Pereira Zagalo.

Desgosto profundo, torturante, para o qual não ha palavras de conforto, nem expressões de sentimento capazes de o desvanecer, limitâmo-nos, por isso, a acompanhar, na dôr que os compunge, os desolados paes, no momento em que o seu coração se despedaça de encontro á fatalidade e, em espirito, a balbuciar uma fervorosa préce pelo eterno descanço da inditosa senhora, tão cêdo arrebatada ao carinho dum lar onde refulgia como as estrelas esse divinisava, magestosa, como as scintilações do mais puro diamante.

Ao sr. dr. Pereira Zagalo, pois, e a sua dedicadissima esposa, a intima expressão das nossas sincéras condolencias, que se estendem á restante familia alanceada pela perda irreparavel que vem de sofrer.

* * *

Em Lisboa tambem deixou de existir a 17 do mez passado, o snr. dr. José Maria da Graça Afreixo, pae do ilustre capitão de mar e guerra e chefe do Departamento Maritimo do Sul, snr. Jaime Afreixo, a quem este jornal apresenta, egualmente, sentidos pêsames.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 3

O S. Pedro sempre foi, como previmos, mais ruidosamente festejado que o S. João. Um terno da musica do Troviscal percorreu, na vespera, á tarde, as principaes ruas da Costa, seguindo-se os descantes populares, que meteram pela noite dentro, só terminando quando os que neles tomaram parte acharam horas de recolher a penates.

A cascata foi armada proximo ao estabelecimento do snr. David Matos, pelo que a aglomeração de gente nas imediações chegou a ser enorme, dificultando o transito.

—— Hospede de seu cunhado, snr. Manuel Martins Pereira, encontra-se entre nós, regressado de Pelotas, E. U. do Brazil, o sr. Manuel Simões Pinheiro, que se fez acompanhar por um dos seus filhos mais velhos.

Manuel Pinheiro ha 35 anos que não vinha a Portugal, sendo por isso grande a sua satisfação ao desembarcar em Lisboa e mórmente ao encontrar-se volvido esse longo tempo proximo da terra onde nasceu e que ele adora como se se tratasse duma pessoa querida.

Nós cumprimentâmo-lo afectuosamente.

—— Teem passado incomodados de saude, guardando os leitos, o negociante das Quintans, sr. Joaquim Birrento, e o abastado lavrador desta localidade, sr. Manuel Vieira.

—— Entraram em franca convalescença as esposas dos srs. alferes Neto e Manuel Vieira dos Santos, respectivamente das Quintans e Oliveirinha.

—— Aos estragos da doença que a vinha contaminando, faleceu na terça-feira uma filha de 16 anos do snr. dr. Pereira Zagalo, juiz de direito da comarca, e que para aqui tinha vindo na esperança de obter alivios, que, infelizmente, nunca se pronunciaram.

O cadaver da pranteada menina seguiu, encerrado numa rica urna, para Aveiro até que, pelo caminho de ferro, possa ser transportado para Ovar, onde a familia Zagalo possue jazigo, tendo vindo á Costa para o acompanhar vários funcionarios de justiça e amigos da casa, a quem não é indiferente o luto que acaba de a envolver.

Os nossos pêsames tambem ao snr. dr. Pereira Zagalo, sua esposa e demais familia.

C.